

A dupla oposição nome/verbo e argumento/predicado em Tapirapé

Walkíria Neiva Praça

Universidade Católica de Brasília/ UCB

SECAD/ DEDI/CGEEI/ MEC

Resumo: Em Tapirapé¹, nome e verbo podem exercer as funções sintáticas de argumento e predicado, sem que haja processos derivacionais promovendo mudança de classe, além de compartilharem várias similaridades morfossintáticas. Mesmo não havendo uma sobreposição nome/argumento e verbo/predicado, é possível diferenciar, por meio de critérios morfológicos, nome e verbo como duas classes lexicais distintas. Este artigo trata da distinção das classes lexicais nome e verbo, bem como do caráter onipredicativo dessa língua.

Palavras-chave: nome, verbo, argumento, predicado, Tapirapé

Abstract: In Tapirapé, noun and verb can have the syntactic functions of argument and predicate, without promoting derivational processes that change the class of the words. Additionally they share some morpho-syntactic similarities. Even when there is no overlapping between noun/argument and verb/predicate, it is possible to differentiate noun and verb as two distinct lexical classes, by means of morphologic criteria. This article deals with the distinction of the lexical classes of noun and verb, as well as of the onipredicative character of this language.

Key words: noun, verb, argument, predicate, Tapirapé

1. Introdução

“[...] a distinção verbo-nome não é nítida, pois todo nome pode tornar-se predicativo, e todo verbo no infinitivo é um verdadeiro nome. Os

mesmos parece terem dois 'status': o verbal e o nominal.” (Lemos Barbosa, 1956:393)

Em línguas da família Tupí-Guaraní, como o Chiriguano (Dietrich, 1986), o Mbyá (Dooley, 2006), o Tupinambá (Rodrigues, 1996, 2001b) e o Kamaiurá (Seki, 2000b), entre outras, tanto o “nome” quanto o “verbo” podem funcionar como predicado ou argumento. Nessas línguas, o uso do critério sintático, em que a função básica do nome é a de ser argumento e a do verbo é a de ser predicado, é irrelevante para distingui-los como duas classes lexicais distintas. Este fato levou Lemos Barbosa (*op. cit*) a postular uma certa ‘neutralidade’ entre ambos. Em Tapirapé, verifica-se o mesmo fenômeno gramatical. Nomes e verbos podem exercer as funções sintáticas de predicado ou de argumento, além de compartilhar outras similaridades morfossintáticas. Entretanto, apesar dessa semelhança, nomes e verbos podem ser identificados como duas classes lexicais distintas com base em critérios morfológicos.

2. Predicado e argumento

A priori, em Tapirapé, qualquer item lexical que possa ser identificado como nome com base em suas características semânticas prototípicas, como ser entidade, ter configuração espacial e estabilidade temporal (Givón, 2001), pode instituir núcleo de predicado sem que haja cópula ou morfologia que indique mudança de classe gramatical:

- (1) marare-ø i-memyr
vaca-REFER 3.II-filhoⁱⁱ
"a vaca tem filhote (lit: a vaca filhote dela (existe))"

(2) xe=r-**etym**

1sg.II=R-casa

"eu tenho casa (lit: (existe) minha casa)"

(3) **xāwār**

cachorro

" é cachorro"

Por sua vez, o mesmo “nome” pode servir de argumento. Para isso, precisa receber o sufixo referenciante {-a} (-a ~ -∅).

(4) i-memyr-a a-xaj'a

3.II-filho-REFER 3.I-chorar

"o filho dela chorou"

(5) xe=r-opy-∅ a-xokã xāwār-a

1sg.II=R-pai-REFER 3.I-matar cachorro-REFER

"meu pai matou um cachorro"

No exemplo (1), **memyr** ‘filho do ego feminino’ é núcleo de predicado existencial possessivo e em (4) é utilizado como sujeito. Em (3), **xāwār** ‘cachorro’ é um predicado existencial ‘absoluto’ (cf. Praça, 1999), enquanto que em (5), é usado como objeto.

Por outro lado, os temas identificados com características semânticas prototípicas de verbos, como tendo instabilidade temporal e não-inscrição no espaço (Givón, *op. cit.*), ou seja, descrevendo acontecimentos, são predicados:

(6) a-**hyj**

3.I-correu

"ele correu"

- (7) ka'i-ø a-xe'eg a-ka-wo 'ywyra-ø r-e
 macaco-REFER 3.I-falar 3.III-estar-GER árvore-REFER R-POS
 "os macacos estão falando na árvore"

Entretanto, de maneira similar ao “nome”, ao receberem o morfema {-a}, os temas identificados com características semânticas prototípicas de “verbos” funcionam como argumento:

- (8) ne=ø-hyj-a i-kāto
 2sg.II= R-correr-REFER 3.II-ser.bom
 "sua corrida foi boa"

- (9) ã-inow i-xe'eg-a
 1sg.I-ouvir 3.II-falar-REFER
 "eu escuto a fala dela"

Nos exemplos acima, como se pode observar, os “verbos” prototípicos (6) **hyj** ‘correr’ e (7) **xe'eg** ‘falar’ são utilizados como núcleos de predicado. Já em (8) e (9) são empregados como argumentos, sendo que em (8) **hyj** é sujeito e em (9) **xe'eg** é objeto.

O “nome” tem maior ocorrência como núcleo de argumento que como predicado; o “verbo”, por sua vez, tem maior ocorrência como núcleo de predicado que como argumento. Apesar disso, observa-se o mesmo comportamento morfossintático entre eles ao instituírem as funções de predicado e argumento. A função predicativa não é marcada morfologicamente, ou seja, a ausência de marca indica a função predicativa. A função argumentativa é assinalada pelo {-a}. Ao receberem o morfema referenciante, “nome” e “verbo” desempenham funções típicas de argumento, conforme demonstrado acima. Tal sufixo não assinala mudança de

classe lexical. Sua função é a de atribuir referência a temas originalmente predicativos, designando entidades, e, como consequência deste fato, a de marcar a função de argumento.

Este fato conduz a uma análise segundo a qual todos os temas flexionais do inventário aberto do Tapirapé têm caráter predicativo. São inerentemente predicados. Línguas como o Nootka (Swadesh, 1939), as Salish (Kinkade, 1983), o Nahuatl (Launey, 1994), entre outras, foram descritas como apresentando esse mesmo comportamento morfossintático verificado no Tapirapé, e foram denominadas por Launey (1986) “línguas onipredicativas”.

Além do que foi demonstrado, outros fenômenos gramaticais compartilhados por “nome” e “verbo” reforçam a existência do caráter onipredicativo do Tapirapé, quais sejam:

- a) O prefixo {**ma-**} “causativo” acrescenta-se a “nomes” e “verbos” do Tapirapé, quando estes instituem núcleos de predicados monovalentes. A causativização promove um aumento na valência do predicado, que passa a ser divalente:

“nome”

(10) pãxe-ø xe=ø-**ma**-memyr
pajé-REFER 1sg.II=R-CAUS-filho
"o pajé me fez ter filho"

(11) teny-ø kãto'yw-a a-**ma**-pyyro
Teny-REFER Kãto'ywa-REFER 3.I-CAUS-sapato
"Teny fez Kãto'ywa ter sapato"

“verbo”

(12) ã-**ma**-ger ãpy korinãka'i-ø
1sg.I-CAUS-dormir antes Korinãka'i-REFER
"antes eu farei Korinãka'i dormir"

- (13) ie-∅ ã-**ma**-mar
 1sg-REFER 1sg.I-CAUS-sair
 "eu fiz ele sair"

No caso do Tapirapé, como mostram os dados acima, o {**ma**-} deriva “verbos” transitivos a partir de “nomes” e “verbos”, independentemente da classe lexical do núcleo do predicado. Ou seja, o que está em jogo neste processo é a natureza predicativa inerente às classes lexicais. Por conseguinte, este tipo de comportamento indica que o {**ma**-} é um causativizador de predicados monovalentes, e que o “nome” e o “verbo” instituem predicados naturalmente.

O Guaraní Mbyá, família Tupí-Guaraní, apresenta um comportamento diferente do Tapirapé. Segundo Martins (1996: 24), o prefixo causativo {**mbo**-}, que corresponde etimologicamente ao {**ma**-} no Tapirapé, só ocorre com verbos intransitivos, ou melhor, de acordo com a autora ‘*só ocorre com verbos de um único argumento: t-ata o-gueⁱⁱⁱ ma (Rel-fogo 3sg/pl-apagar já “o fogo já se apagou”)*. Os verbos derivados com {**mbo**-} são transitivos, como por exemplo: “*a-mbo-gue t-ata (1sg-Caus-apagar Rel-fogo “eu apaguei o fogo”)*”.

b) As partículas de fonte da informação **rāka** “passado recente atestado”, **kwee** “passado médio atestado”, entre outras, que também denotam tempo e aspecto em Tapirapé, co-ocorrem com predicados nominais e verbais:

“nome”

- (14) āxe’i **rāka** topỹ-∅ **i-py**
 ontem PAS.REC topỹ-REFER 3.II-pé
 "ontem o topỹ^{iv} tinha pé"

- (15) i-ypy-ramõ **kwee** ø-etym majtyri-pe
 3.II-começo-S.P.N.AT PAS.MED 3.II-casa Majtyri-LOC
 "antigamente ele tinha casa em Majtyri"^v

“verbo”

- (16) kwãxi-ø r-ewiri **rãka** i-yj-ø xe=r-eymãw-a
 quati-REFER R-POS PAS.REC 3.II-correr-I2 1sg.II=R-animal.doméstico-REFER
 "meu cachorro correu atrás de um quati"

- (17) ã'êpe **kwee** ara-ixãk are-a-wo marare-ø
 CD PAS.MED 1excl.I-ver 1excl.III-ir-GER vaca-REFER
 "para lá, nós vimos as vacas"

Em Kamaiurá (Seki,1990: 370) as partículas de segunda posição (tempo/aspecto), cognatas às partículas de fonte da informação do Tapirapé, só ocorrem em sentenças com característica verbal, ou seja, em sentenças, cujo núcleo do predicado é um verbo, como no seguinte exemplo:

- (18) a-ha rak-e ko'yt^{vi}
 1sg-ir T/A PART
 "eu fui"

c) A negação de predicados em Tapirapé é realizada pelo morfema descontínuo {**na=....-i**} (nã ~ n=-i ~ -j ~ -ø)^{vii}:

“nome”

- (19) n=i-men-i 'yn-a^{viii} **n=i-memyr-i** ranõ
 não=3.II-marido-NEG 3.sentar-GER não=3.II-filho-NEG ITER
 "a que está sentada não tem marido nem filho também"
 "(lit: a que está sentada, marido e filho dela (não existem))"
 (referindo-se à arara que estava na árvore sozinha)

(20) $ie-\emptyset$ $n\tilde{a}=xe=\emptyset\text{'yty-pej-}\tilde{a}w-i$
 1sg-REFER não=1sg.II= R-lixo-varrer-N.PROC-NEG
 "eu não tenho vassoura (lit: (não existe) minha vassoura)"

“verbo”

(21) $\tilde{a}'\tilde{e}=g\tilde{a}-\emptyset$ $n=a-k\tilde{a}xym-i$ $k\tilde{a}'\tilde{a}-pe$
 DEM=SG-REFER não=3.I-sumir-NEG mata-LOC
 "ele sumiu na mata "

(22) $xe=r-opy-\emptyset$ $n=a-tym-i$ $'aw\tilde{a}xi-\emptyset$ $ka-pe$
 1sg.II=R-pai-REFER não=3.I-plantar-NEG milho-REFER roça-LOC
 "meu pai não plantou milho na roça"

d) um outro fenômeno interessante é o funcionamento do sufixo {-**ama'e**} (-ama'e ~ -ma'e) ‘nominalizador de predicado’. Em Tapirapé, ele ocorre em qualquer tipo de predicado, tanto nos constituídos por núcleos “nominais” quanto pelos “verbais”, como demonstram os seguintes exemplos:

“nome”

(23) $akoma'e-\emptyset$ $i-pa-e'y\tilde{m}-ama'e-\emptyset^{ix}$ $n=a\text{'y}y\tilde{t}\tilde{a}-kw\tilde{a}\tilde{a}w-i$
 homem-REFER 3.II-mão-NEG-N.PRED-REFER não=3.I-nadar-saber-NEG
 "o homem que não tem mão não sabe nadar"

(24) $konom\tilde{i}-\emptyset$ $\emptyset-ewek-ama'e-\emptyset$ $were-ka$ $ewa\text{'i}-\emptyset$
 menino-REFER 3.II-barriga-N.PRED-REFER 3.CC-estar minhoca-ATE-REFER
 "o menino que tem barriga está com verme"

“verbo”

(25) a-ixãk akoma'e-ø **a-yj-ama'e-ø**
3.I-ver homem-REFER 3.I-correr-N.PRED-REFER
"ele viu o homem que correu"

(26) ka-ø koxy-ø **a-waem-ama'e-ø** i-y-ø
D.E-REFER mulher-REFER 3.I-chegar-N.PRED-REFER 3.II-mãe-REFER
"esta mulher que chegou é mãe dele"

À luz dos dados, pôde-se observar que os processos morfossintáticos de aumento de valência, indicação de tempo ou aspecto e negação demonstram de forma clara que as similaridades comportamentais compartilhadas são decorrentes da predicatividade de “nomes” e “verbos”.

Consoante Queixalós (2006), as línguas que apresentam um padrão onipredicativo não possuem uma classe lexical extensa cuja vocação seja ser argumento. Conseqüentemente, a função argumental é derivada da predicatividade. Seguindo este raciocínio, observa-se que, no Tapirapé, a função predicativa não necessita de morfologia para ser expressa, já que o item lexical é gerado no léxico como predicado. O que se vê é que essa função é imanente ao item lexical. Entretanto, a função argumental necessita de material gramatical complementar para ser expressa, ou seja, o sufixo {-a}. Naturalmente, esta é secundária em relação à predicatividade.

3. Nome e verbo

Por ser uma língua onipredicativa, o critério funcional é irrelevante para distinguir nome e verbo em Tapirapé. Segundo Kinkade (1983), nas línguas Salish^x, não há como diferenciar nome de verbo. Só se podem distinguir predicados e partículas. Kinkade (*op. cit*)

ainda argumenta que noções semânticas e critérios morfológicos (flexão de número, tempo etc) não são razões lógicas para estabelecer a distinção entre nomes e verbos, uma vez que ambos podem exercer as mesmas funções sintáticas.

Contudo, ainda que o critério sintático seja o mais recorrente na distinção nome/verbo em outras línguas, não significa que seja o único universalmente válido. O Tapirapé apresenta em sua morfologia processos que permitem distinguir “nome” e “verbo”, apesar de não apresentar a superposição nome/argumento e verbo/predicado. Antes, porém, é necessário diferenciar dois níveis de análise, conforme proposto por Rose (2003), para o Emerillon, um lexical — *nome* e *verbo* — e outro sintático — *argumento* e *predicado*.

Em um patamar lexical, processos morfológicos específicos de cada classe, inclusive os que derivam itens lexicais de uma classe a partir de itens da outra, demonstram que nome e verbo compõem duas classes lexicais distintas. Launey (1994), Langacker (1987) e Schachter (1985) argumentam a favor da universalidade de nomes e verbos, apesar de autores como Swadesh (1939) e Kinkade (*op. cit*) a questionarem. Para Launey (1994: 284), a onipredicatividade concerne à sintaxe. Conseqüentemente, esta característica não invalida que a distinção entre nome/verbo seja realizada pela morfologia: “*l’um des points remarquables de la logique omniprédicative du nahuatl est qu’elle laisse intacte l’opposition verbo-nominale*”. Entretanto, Kinkade (1983: 31) desconsidera qualquer critério, para distinguir nome/verbo nas línguas Salish, que não seja o sintático: “*The noun-verb distinction is often justified on syntactic grounds*”.

De acordo com Schachter (1985: 7), a distinção nome/verbo vai além do uso do critério funcional: “[...]. *While the universality of even this distinction has sometimes been questioned, it now seems that the alleged counter-examples have been based on incomplete data, and that there are no languages that be said to show a noun-verb distinction when all relevant facts are taken into account*”.

4. A distinção nome e verbo

A possibilidade ou não de ocorrência de morfemas específicos de cada classe permite por si só caracterizar nome e verbo.

O nome em Tapirapé é identificado pela propriedade de receber os sufixos {-**kwer**}^{xi} (-kwer ~ w-er ~ -er) e {-**rym**}, conhecidos por “passado nominal” e “futuro nominal” respectivamente (Almeida; Irmãzinhas de Jesus & Paula, 1983), (Seki, 2000, 2001), e pelos morfemas {-**ryñ**} ‘similaridade’ e {-**ymyn**} ‘velho’, vetados aos verbos.

O passado nominal {-**kwer**} exprime uma idéia de caduquice, de prescrição de uma referida entidade. Do ponto de vista sintático, o nome flexionado com o referido morfema ocorre como núcleo de sintagma nominal (exemplos (27) e (28)) ou núcleo do predicado existencial (29):

(27) ø-exã'ẽ-kwer^{xii}-a i-ky'ã 'yn-a paej-tãj-pe
3.II-panela-PN-REFER 3.II-ser.sujo 3.sentar-GER lavar-N.PROC-LOC
"A ex-panela^{xiii} dela está suja na pia"

(28) kyxe-ø ø-pe i-pir-ak-i xãwã-pimin-a ø-pir-er-a
faca-REFER R-POS 3.II-pele-arrancar-I2 onça-pinta-REFER R-pele-PN-REFER
"com a faca ele arrancou a pele da onça pintada"

(29) 'ã tã xe=r-yro-kwer
D.E INTER 1sg.II=R-invólucro-PN
"aqui/esta é a roupa que eu tive?"

O futuro nominal {-**rym**} exprime uma idéia de “vir a ser”, ou melhor, de projeção do que está destinado. Sintaticamente, o nome sufixado também exerce a função de núcleo do sintagma nominal:

(30) xe=r-o'y-**rym**-ã a-pen
 1sg.II= R-flecha-FN-REFER 3.I-quebrar
 "a minha futura flecha quebrou"

(31) ie-ø rãka ã-pyyk t- yro-ø wex-yro-**rym**-a
 1sg-REFER PAS.REC 1sg.I-comprar 3.II-invólucro-REFER 1sg.III-invólucro-FN-REFER
 "eu comprei tecido que será minha roupa"

Provavelmente por uma questão semântica, o nome marcado com o sufixo {-**rym**} ‘futuro nominal’ não institui núcleo de predicado existencial.

Semanticamente, o sufixo {-**rym**} denota idéia de similaridade, ou seja, determinada entidade tem qualidade ou caráter de ser similar à outra. Tal sufixo deriva nomes que podem exercer as funções de núcleos de sintagmas nominais ((32) e (33)) e de predicados existenciais (4).

(32) mãir-a mĩ a-'o xety-**ryn**-a
 não.índio-REFER HAB 3.I-comer batata.doce-SI-REFER
 "o não-índio sempre come batatinha"

(33) ãpĩ, tãto-**ryn**-a^{xiv} a-xe-mim
 mamãe tatu-SI-REFER 3.I-REFL-esconder
 "mamãe, os marimbondos se esconderam"

(34) miã-**ryn**
 veado-SI
 "cabra (lit: (existe) cabra)"

O sufixo {-**ymyn**} ‘velho’, que não se aplica a seres humanos, expressa juízo de valor à determinada entidade, quanto às suas características antiquadas, obsoletas ou gastas pelo

uso. No plano sintático, o nome derivado ocorre como núcleo de sintagma nominal (exemplos (35) e (36)) e como núcleo do predicado existencial (37).

(35) ø-'oyw-**ymyn**-a a-pen
3.II-flecha-VEL-REFER 3.I-quebrar
"a flecha velha dele quebrou"

(36) ãxe'i rãka i-pyyk-i xany-**ymyn**-a
ontem PAS.REC 3.II-pegar-I2 óleo-VEL-REFER
"ontem ela comprou óleo velho"

(37) xe=r-o'yepakxyiãw-**ymyn**
1sg.II-R-tesoura-VEL
"eu tenho tesoura velha" (lit: (existe minha tesoura velha))

Os verbos diferenciam-se dos nomes por poderem receber o sufixo nominalizador {-ãw} (-ãw ~ -tãw) 'nominalização de processo/ instrumento' (cf.. Este sufixo nominaliza verbos ativos, transitivos (38) e intransitivos (39), bem como verbos descritivos (40).

(38) tãxão-ø ø-xokã-ãw-a i-kãto
porcão-REFER R-matar-N.PROC-REFER 3.II-ser.bom
"a matança dos porcos foi boa"

(39) ie-ø ã-ino-patãr i-xe'eg-ãw-a
1sg-REFER 1sg.I-ouvir-querer 3.II-falar-N.PROC-REFER
"eu quero ouvir a fala dela (lit: eu quero ouvir a falação dela)"

- (40) ie-ø n=ã-jxãk-i ne= ø-kane'õ-ãw-a
 1sg-REFER não=1sg.I-ver-NEG 2sg.II= R-ser.cansado-N.PROC-REFER
 "eu não vi seu cansaço"

Ao receberem o sufixo {-ãw}, verifica-se um processo de mudança de categoria gramatical de verbo em nome.

Os critérios morfológicos usados até aqui na distinção de nomes e verbos aplicam-se ao campo lexical e não repercutem no nível sintático. As funções sintáticas exercidas por ambos independem de suas propriedades morfológicas inerentes.

Um outro critério que pode ser agregado ao descrito acima, e que distancia verbos de nomes em Tapirapé, é o uso do imperativo. Somente a classe dos verbos pode receber os prefixos de imperativo {e-} '2sg' e {pe-} '2pl', que ocorrem em orações afirmativas:

- (41) e-par-o
 2sg.IMP-sair-INT
 "saia rápido"

- (42) pe-kyrã
 2pl.IMP-ser.gordo
 "sejam gordos"

E também os prefixos de imperativo {ere-} '2sg' e {pexe-} '2pl', os quais ocorrem em orações negativas, sendo que a negação é feita pela partícula clítica {ewi}:

- (43) wãkiri, ere-ker=ewi
 Walkíria, 2sg.IMP-dormir=NEG
 "Walkíria, não durma"

(44) **pexex-ary-xaryw=ewi**

2pl.IMP-alegria-REDUP=NEG

"não fiquem alegres"

Em geral, os lingüistas dispõem de quatro níveis de análise lingüística para definir as principais classes de palavras de uma língua: o semântico, o morfológico, o sintático e o pragmático^{xv}. Entretanto, para o Tapirapé, o critério formal por si só é capaz de estabelecer a distinção entre nome e verbo. Neste contexto, observa-se que nomes e verbos diferenciam-se no léxico, apesar de serem predicados. O critério semântico corrobora a diferenciação entre estas duas classes na medida em que identifica prototipicamente entidades e acontecimentos. A complexidade da identificação de nomes e verbos em Tapirapé demonstra que os critérios utilizados para o estabelecimento dessas classes lexicais não são universais, antes, são específicos de cada língua.

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS UTILIZADOS

~	alternância
I	Série I
II	Série II
III	Série III
R	relacional
1sg	primeira pessoa do singular
1excl	primeira pessoa do plural exclusiva
1incl	primeira pessoa do plural inclusiva
2sg	segunda pessoa do singular
2pl	segunda pessoa do plural

3	terceira pessoa
ATE	atenuativo
CAUS	causativo
CC	causativo comitativo
D.E	demonstrativo espacial
DEM	demonstrativo
FN	futuro nominal
GER	gerúndio
HAB	aspecto habitual
I2	indicativo 2
IMP	imperativo
INT	intensivo
ITER	aspecto iterativo
LOC	locativo
N.PROC	nominalização de instrumento, processo, local
PAS.MED	passado médio
PAS.REC	passado recente
PN	passado nominal
POS	posposição
REDUP	reduplicação
REF	reflexivo
REFER	referenciante
SG	singular
SI	similaridade
VEL	velho

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, A.; IRMÃZINHAS DE JESUS & PAULA, L. G. *A língua Tapirapé*. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1983.
- DIETRICH, W. “Categorias lexicais nas línguas tupi-guarani (visão comparativa)” In QUEIXALÓS, F. (resp.), *Des noms et des verbs en tupi-guarani: état de la question*. Munique: Lincom Europa, pp. 21-37, 2001.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. I e II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- KINKADE, M. D. “Salish evidence against the Universality of ‘Noun’ and ‘Verb’.” *Lingua* 60, pp. 25-40, 1983.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.
- LAUNEY, M. *Catégories et opérations dans la grammaire nahuatl*. Thèse d'Etat, Paris: Université de Paris IV, 1986.
- _____. *Une grammaire omniprédicative. Essai sur la morphosyntaxe du nahuatl classique*. Paris: CNRS Editions, 1994.
- _____. *Une grammaire omniprédicative. Essai sur la morphosyntaxe du nahuatl classique*. Paris: CNRS Editions, 1994.
- LAZARD, G. “La question de la distinction entre nom et verbe en perspective typologique.” *Folia Linguistica* 33.3-4, pp. 389-418, 1999.
- LEMOS BARBOSA, Pe. A. *Curso de Tupi Antigo. Gramática, exercícios, textos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- MARTINS, M. F. *Incorporação nominal em Guarani Mbyá*. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

PRAÇA, W. N. *Nomes como predicados na língua Tapirapé*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 1999.

QUEIXALÓS, F. *Nom, verbe et prédicat en sikuni (Colombie)*. Paris : Peeters, 1998.

_____. (resp.) *Des noms et des verbes em Tupi-Guarani: état de la question*. Munique: Lincom Europa, 2001.

_____. “The primacy and fate of predicativity in Tupi-Guarani” In LOIS, X. & VAPNARSKY, V. (eds.). *Root classes and lexical categories in Amerindian languages*, pp. 249-287. Vienne, Peter Lang, 2006.

ROSE, F. *Morphosyntaxe de l’Emerillon. Langue Tupi-Guarani de Guyane Française*. Doutorado, Paris: Université Lumière Lyon 2, 2003.

SEKI, Lucy. “Para uma caracterização tipológica da língua Kamaiurá”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos 12*. Campinas: UNICAMP, pp. 15-24, 1987.

_____. “Kamaiurá (Tupi-Guarani) as an Active-Static Language”. In PAYNE, D. L. (ed.) *Amazonian linguistics. Studies in lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press, pp. 367-391, 1990.

_____. *Gramática do Kamaiurá. Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

_____. “Classes de palavras e categorias sintático-funcionais em Kamaiurá”. In QUEIXALÓS, F. (resp.), *Des noms et des verbes en tupi-guarani: état de la question*. Munique: Lincom Europa, pp. 39-66, 2001.

_____. “Classes de palavras e categorias sintático-funcionais em Kamaiurá”. In QUEIXALÓS, F. (resp.), *Des noms et des verbes en tupi-guarani: état de la question*. Munique: Lincom Europa, pp. 39-66, 2001.

SCHACHTER, P. “Parts-of-speech systems”. In SHOPEN, T. (ed.). *Language typology and syntactic description*, vol. I: Clause Structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

SWADESH, M. “Nootka internal syntax”. *International Journal of American Linguistics* 9, pp. 77-102, 1939.

ⁱ O Tapirapé é uma língua falada por aproximadamente 650 pessoas que vivem atualmente em duas áreas indígenas no nordeste do Mato Grosso. De acordo com Rodrigues (1984/1985) e Rodrigues & Cabral (2002), pertence ao subconjunto IV da família Tupí-Guaraní, do tronco Tupí, que inclui também o Asuriní do Tocantins, o Avá-Canoeiro, o Guajajára, o Parakanã, o Suruí (Mujetire), o Tembê e o Turiwára.

ⁱⁱ Filho do ego feminino.

ⁱⁱⁱ Grifo meu.

^{iv} Tipo de boneco feito de cera de abelha. Neste exemplo, o falante está dando a entender que alguém mexeu e danificou a parte inferior do boneco que ele havia terminado no dia anterior.

^v Majtyri é o nome de uma das 6 aldeias Tapirapé.

^{vi} O dado foi renumerado e traduzido.

^{vii} O alomorfe (-i) ocorre em temas terminados em consoante exceto /j/; o alomorfe (-j) ocorre em temas terminados em vogal exceto /i/, enquanto que o alomorfe (-[ɨ]) se dá em temas terminados em /i/ ou /j/.

^{viii} O verbo **'yn** ‘sentar’ é irregular.

^{ix} O prefixo {i-} de terceira pessoa da classe II possui os seguintes alomorfes (i- ~ ø- ~ t- ~ h-).

^x As línguas Salish são faladas no noroeste da América do Norte.

^{xi} Seki (*op. cit*), ao estabelecer a distinção entre nomes e verbos em Kamaiurá, demonstra que o sufixo {-het} “passado nominal” é uma propriedade nominal, da mesma forma que o é no Tapirapé. Entretanto, observa-se que este não é um comportamento descrito como geral para a família Tupí-Guaraní. Segundo Dietrich (1986 e 2001), o referido sufixo se encontra em predicados e orações verbais em Chiriguano e Sirião.

^{xii} Rodrigues (1981a) refere-se ao {-kwer} como “o que foi” e ao {-rym} como “o que vai ser”. Almeida; Irmãzinhas de Jesus & Paula (*op. cit*) utilizam a mesma terminologia.

^{xiii} Resposta dada pelo falante ao ser interrogado quanto ao paradeiro da panela com a qual sua tia havia presenteado sua mãe.

^{xiv} tãtoryna é uma espécie de marimbondo, cuja casa se parece com o casco de tatu.

^{xv} A seguinte citação (tradução livre) traz uma síntese dos quatro níveis de análise que podem ser utilizados na identificação das principais classes lexicais:

“Os lingüistas procuram distinguir entre nomes e verbos em pelo menos quatro ângulos: um deles o semântico, as noções se aglutinam em torno de dois pólos prototípicos: um deles afim com a configuração espacial e estabilidade através do tempo, e outro afim com a configuração temporal e não inscrição no espaço (Givón, 2001). Esta polarização fornece os fundamentos para uma oposição entre entidades e acontecimentos. No plano da forma, a combinatória revela atrações muito generalizadas entre determinadas raízes e determinadas categorias expressas por material explícito, por exemplo, gênero e número de um lado, tempo e aspecto de outro. No plano pragmático, algumas classes de raízes são mais aptas do que outras a introduzir no discurso participantes manipuláveis, e outras aptas a narrar acontecimentos (Hopper & Thompson, 1984). De modo mais homogêneo conceitualmente, percebe-se uma especialização, ora voltada à expressão do(s) tema(s), ora voltada à expressão do rema, o que, finalmente, repercutiria no plano da função, por meio da distinção entre argumento e predicado.” (Queixalós, 2006: 249-287)